

EDUCAÇÃO INFANTIL

ORIENTAÇÕES PARA A
JORNADA
PEDAGÓGICA
DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
2024

SEMED
Secretaria Municipal
de Educação



ADRIANE LOPES
Prefeita Municipal de Campo Grande

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

LEUSA DE MELO SECCHI
Divisão de Educação Infantil

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

VIVIANE COSTA LOPES
Técnico-administrativa

ANA LUCIA DO ESPÍRITO SANTO
ANA RITA SILVEIRA
APARECIDA COSTA DE MELLO SILVA
CÁSSIA APARECIDA POMPEU MULLER
DAYANI SILVA DA CRUZ
EDUARDO RELLYSSON MENEZES ARAÚJO
ESTELA BEATRIZ DOS SANTOS SILVA BRAGA
IRMA ESPINDOLA DE CAMARGO
JULIANA PEREIRA DA SILVA
JULIANO FERREIRA FRANCO
KELLY MENDES FERREIRA
LAURA SIMONE MARIM PUERTA
LARÊSSA CINTRA DE ALMEIDA
MÁRCIO LUIZ LOMBA
MAIARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA KLAVA
MAUREEN CRISTIANE GERALDELLI ALMEIDA
PRISCILLA CASAL CANDIA
VÂNIA CRISTINA BREGANHOLI
VILAUTA TEODORA DA SILVA
SIMONE ESPÍNDOLA TOLIN DA SILVA
WILCELENE PESSOA DOS ANJOS DOURADO MACHADO

JULIANO FERREIRA FRANCO
Projeto Gráfico

ORIENTAÇÕES PARA A
JORNADA
PEDAGÓGICA
DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
2024

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1	ORGANIZAÇÃO INICIAL DO TRABALHO	07
2	FORMAÇÃO CONTINUADA EM TRABALHO	09
3	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E DO AMBIENTE DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL	10
3.1	ESPAÇO ESCOLAR BEM PLANEJADO	10
3.2	FLEXIBILIDADE	12
3.3	APOIO AOS RELACIONAMENTOS	12
3.4	CONVITE À IMAGINAÇÃO E À CRIATIVIDADE	12
3.5	A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E MATERIAIS PARA APOIAR AS PRÁTICAS PROMOTORAS DA IGUALDADE RACIAL	14
3.6	ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS, BRINQUEDOS E LIVROS	16
3.6.1	ESCOLHA DE BRINQUEDOS E DE LIVROS	16
3.6.2	OS LIVROS, AS REVISTAS E OS DEMAIS PORTADORES DE TEXTOS	17
3.7	OBJETOS DE AMPLO ALCANCE, JOGOS, INSTRUMENTOS MUSICAIS, VÍDEOS, MÚSICAS DIVERSIFICADAS E MUITO MAIS...	17
3.8	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO POSSÍVEL	19
4	ACOLHIDA E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS: ACOLHER E/OU ADAPTAR?	23
4.1	O ANO COMEÇOU E AGORA?	24
4.2	OFERECER ATIVIDADES PRAZEROSAS AJUDAM A ALIVIAR A TENSÃO INICIAL	24
4.3	CONVERSANDO COM AS FAMÍLIAS...	25
4.4	ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO	26
5	PLANEJAMENTO	32
5.1	PLANO DE TRABALHO DA EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICO	33
5.2	PLANO DE ENSINO ANUAL ORGANIZADO PELOS PROFESSORES	33
5.3	PLANO DE AULA	37
5.4	PLANEJAR AS PRIMEIRAS SEMANAS PARA RECEBER BEM AS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS	40



GESTORES E EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Considerando o calendário escolar/2024 a Superintendência de Políticas Educacionais, por meio da Divisão de Educação Infantil – Deinf apresenta uma sugestão de organização para a Jornada Pedagógica/2024. A finalidade deste material é servir de referência para os gestores e equipe técnico-pedagógica planejarem as ações e atividades da primeira semana com os professores, professoras e assistentes da educação infantil que atuam nas escolas da Rede Municipal de Ensino – REME.

Assim, é preciso que os gestores escolares, junto da equipe técnico-pedagógica, planejem, organizem e encaminhem as ações necessárias para esse período, estabelecendo um cronograma com as atividades que serão realizadas em cada dia. Por isso, junto com o documento apresentado aqui, segue também uma proposta de encaminhamento específico para estudo com professores e assistentes de educação infantil. Também sugerimos um conjunto de textos que podem colaborar com o planejamento das ações da equipe gestora para a Jornada Pedagógica, que iniciará no dia 1/2/2024.

Em respeito à capacidade de autoria dos gestores, da equipe técnico-pedagógica e autonomia das escolas, esta proposta pode ser alterada conforme o contexto de cada instituição de ensino. Portanto, reiteramos que a sugestão de cronograma, textos e proposta de encaminhamentos de estudo podem ser revisadas, aprimoradas e implementadas a partir das necessidades institucionais. Entretanto, é importante lembrar que na educação infantil é fundamental refletir sobre a organização dos espaços e o planejamento do acolhimento no retorno das crianças.

Desejamos um excelente retorno e que o conteúdo expresso neste documento contribua com o trabalho nas escolas.

Bom ano, boa leitura e bom trabalho!
Equipe da Divisão de Educação Infantil



INTRODUÇÃO

O início de um novo ano letivo é um período de reflexões e desafios para toda a equipe escolar. O primeiro momento de atividades nas instituições educacionais se materializa na Jornada Pedagógica, que tem por principal finalidade promover o estudo, debate e planejamento das ações fundamentais a serem desenvolvidas ao longo do ano. Este momento inicial, portanto, objetiva promover o fortalecimento do processo educativo e requer da equipe gestora e técnico-pedagógica **a estruturação do trabalho escolar, o acolhimento dos professores, das crianças e das famílias, a organização dos espaços, as articulações entre Projeto Político-Pedagógico, Planos de Ensino e Planos de Aula**, dentre outras ações. Para tanto, é preciso planejar, com a devida intencionalidade e sistematização, o que será realizado nesses dias.

De acordo com a Resolução Semed n. 249, de 06 de novembro de 2023, publicada no Diogrande n. 7.262, de 7 novembro de 2023, todas as escolas da REME terão **sete (7) dias** destinados à Jornada Pedagógica 2024. Assim sendo, é preciso que os diretores escolares, junto à equipe técnico-pedagógica, planejem, organizem e encaminhem as ações necessárias para esse período, estabelecendo um cronograma com as atividades que serão realizadas em cada dia. Por isso, ao final dessas orientações, são sugeridas três pautas de estudos, organizadas com textos e possíveis encaminhamentos que podem colaborar com o planejamento das ações da equipe gestora para a Jornada Pedagógica, que iniciará no dia 1/2/2024.

1 ORGANIZAÇÃO INICIAL DO TRABALHO

É importante estabelecer, a princípio, uma ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO, por meio de um cronograma das ações que serão priorizadas para o início do ano escolar 2024. Essa distribuição de atividades deve explicitar as datas e horários a serem desenvolvidas no período, além de elencar os responsáveis pelas ações.

Durante essa semana inicial, é fundamental a organização dos encontros com a equipe de professores e demais profissionais da educação, para informar a rotina e as regras internas da instituição, reorganizar os espaços institucionais, planejar a acolhida e adaptação das crianças, reestruturar os planos de ensino, organizar os planos de aula dos diferentes grupos etc. Vale lembrar que o planejamento dos professores para cada turma depende dessas definições. Logo, segue uma proposta de cronograma para as atividades iniciais.

CRONOGRAMA – JORNADA PEDAGÓGICA 2024

DATAS	HORÁRIO	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL
1/2/2024 QUINTA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião geral para recepção e apresentação dos professores e demais profissionais. - Apresentação da organização do calendário escolar 2024. Esclarecimentos sobre o funcionamento da escola, suas regras e do código de ética dos agentes públicos municipais. 	Gestão Escolar
2/2/2024 SEXTA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação e socialização do PPP. - Discussão acerca das ações, intenções e prioridades do trabalho pedagógico para o ano letivo de 2024. 	Gestão Escolar e equipe técnico-pedagógica
5/2/2024 SEGUNDA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Continuada dos Professores com leitura, estudo e discussão dos textos sugeridos pela Suped/Deinf. - Organização dos espaços. <p>TEMÁTICA: ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E DO AMBIENTE</p>	Professores e equipe técnico-pedagógica
6/2/2024 TERÇA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Continuada dos Professores com leitura, estudo e discussão dos textos sugeridos pela Suped/Deinf. - Planejamento do período de retorno das crianças. <p>TEMÁTICA: ACOLHIDA E ADAPTAÇÃO</p>	Professores e equipe técnico-pedagógica
7/2/2024 QUARTA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Continuada dos Professores com leitura, estudo e discussão dos textos sugeridos pela Suped/Deinf. - Reorganização dos Planos de Ensino Anuais. Elaboração dos Planos de Aula no Portal da REME. <p>TEMÁTICA: PLANEJAMENTO</p>	Professores e equipe técnico-pedagógica
8/2/2024 QUINTA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - EMEIS: 1ª reunião de pais ou responsáveis para apresentação dos professores, salas e os combinados para o início do ano letivo. - ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL: Reorganização dos Planos de Ensino Anuais. Elaboração dos Planos de Aula. 	Professores e equipe técnico-pedagógica
9/2/2024 SEXTA-FEIRA	07h às 11h 13h às 17h	<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão do planejamento e organização dos espaços para a chegada/retorno das crianças à instituição. 	Professores e equipe técnico-pedagógica
15/2/2024 QUINTA-FEIRA	-	<ul style="list-style-type: none"> - Início do Ano Letivo/2024. Retorno das crianças. 	Gestão Escolar, equipe técnico-pedagógica, professores e/ou assistentes

Fonte: Resolução Semed n. 249, de 06 de novembro de 2023, publicada no Diogrande n. 7.262, de 7 novembro de 2023.

2 FORMAÇÃO CONTINUADA EM TRABALHO

Um importante aspecto a ser garantido e valorizado no momento da Jornada Pedagógica é a oportunidade de desenvolver formação continuada junto aos pares, na própria instituição escolar. Em outros termos, são momentos privilegiados que se constituem numa oportunidade singular de desenvolvimento profissional, por meio da promoção de situações de estudo e reflexão sobre o fazer cotidiano, à luz das teorias educacionais.

O acesso permanente a processos formativos que dialoguem com a realidade local de cada instituição é aspecto fundamental para a melhoria da qualidade da educação básica. Assim sendo, é proposto neste documento orientativo o estudo de três pautas relevantes para o trabalho pedagógico com as crianças da educação infantil: organização dos espaços (com ênfase em práticas promotoras de igualdade racial e especificidades dos grupos 1 e 2), acolhida e adaptação e planejamento.

Ainda que trate de temáticas já abordadas noutros momentos, se reconhece a necessidade de retomá-las sob o princípio da articulação entre teoria e prática. Este é o convite a ser realizado pelos profissionais da equipe técnico-pedagógica: visitar práticas, por vezes já consolidadas, com escuta e olhar sensíveis para as crianças que estão chegando/retornando à unidade escolar no ano de 2024.

3

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E DO AMBIENTE DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Este texto foi organizado com o intuito de contribuir com as reflexões e decisões sobre a organização dos espaços nas escolas que atendem a educação infantil. No sentido de enriquecer esse processo de organização, ele apresenta uma compilação de alguns materiais pesquisados sobre o assunto, de diferentes autores, que poderão iluminar as questões que emergem das possibilidades de organização do espaço físico (os materiais, brinquedos, mobiliário etc.) e do ambiente. O texto também passou por algumas adaptações para atender a realidade da Rede Municipal de Ensino. Estes elementos podem ser compreendidos como agentes ativos do processo educativo. Os espaços das escolas revelam os valores e concepções que cada escola possui sobre as crianças, as aprendizagens e sobre o trabalho na educação infantil.

3.1 ESPAÇO ESCOLAR BEM PLANEJADO¹

Espaço escolar afinado com o Projeto Político Pedagógico é um elemento importante para o ensino e a aprendizagem das crianças na educação infantil.

O espaço escolar deve ser educativo por definição, embora nem sempre os atores envolvidos em sua construção/organização – arquitetos, engenheiros, gestores, educadores e crianças – tenham consciência disso. Ele pode ser uma fonte rica de experiências e de aprendizagens, impregnado de signos, símbolos e marcas que, em sua materialidade, comunicam e educam e, exatamente por isso, sua produção, distribuição, posse e usos têm importante papel pedagógico.

¹ (Denise Nalini é coordenadora pedagógica do Pró-Saber SP e formadora do Instituto Avisa Lá, ambos localizados em São Paulo-SP, e consultora nas áreas de Artes, Educação Infantil e Cultura; Denise Guilherme Viotto é editora assistente da Revista Avisa Lá).

No entanto, como transformar e ressignificar ambientes, muitas vezes áridos, rígidos e pequenos? As soluções encontradas para esta resposta são variadas e dependem de um trabalho que envolve a direção, equipe técnico-pedagógica, docentes, assistentes e crianças. Com o propósito de compreender a flexibilização e apropriação significativa do espaço escolar, este lugar deve ser construído nas relações e experiências diárias.

O trabalho educativo não se limita ao espaço interno das salas de aula, mas todas as áreas de convívio podem ser pensadas de maneira a favorecer o aprendizado, fazendo com que todas as pessoas que frequentam a instituição possam sentir-se acolhidas e tenham condições de reconhecer aquele lugar como um espaço que lhe pertence.

3.2 FLEXIBILIDADE

Na perspectiva de construir uma organização que favoreça diferentes usos de um mesmo ambiente, a entrada da escola, além de ser um espaço de recepção de pais, pode ter uma biblioteca, por exemplo, com títulos especialmente selecionados para empréstimo aos adultos e abrigar também um ateliê de construção tridimensional que se transforma em espaço de exposição das produções das crianças.

O ambiente da escola deve possibilitar a manipulação e a transformação dos espaços conforme as decisões tomadas pelos adultos e pelas crianças, abrindo-se a diferentes possibilidades de uso. Ele pode ser mudado durante o dia e, ao longo do ano ser constantemente modelado e redesenhado com base nas experiências realizadas pelos seus ocupantes. Onde for possível, a organização do edifício escolar deve levar em conta todas as transformações cabíveis a longo e a curto prazo.

A dinamização dos espaços revela também a multiplicidade das atividades desenvolvidas. Assim, a área externa pode ser um ambiente livre para brincadeiras e, em seguida, transformar-se em cabanas, com mesas e lugares para desenhar e pintar. Essas escolhas são validadas continuamente pelo grupo. São os usos que fazem e as potencialidades que encontram nesses espaços que oferecem pistas aos educadores sobre as possibilidades escondidas em cada canto da escola.

3.3 APOIO AOS RELACIONAMENTOS

Várias vezes, o ambiente parece extremamente organizado e limpo, mas não há interação, não há mobilidade. Por isso, o cuidado com a funcionalidade também deve estar presente. Os objetos usados pelas crianças, em seu cotidiano, estão acessíveis? Elas conseguem localizá-los e identificá-los? Não basta ser bonito e limpo, é preciso que o espaço possibilite intervenções que favoreçam o aprendizado, oferecendo conforto e sendo reconhecido como um lugar ao qual se pertence.

Também na entrada da escola, por exemplo, elementos do mobiliário podem servir de apoio para organizar objetos e materiais de uso das crianças. Embaixo dos bancos, as caixas de plástico permitem guardar diferentes jogos de encaixe que transformam esse espaço em uma área de blocos durante os momentos de atividades no pátio. Esse uso múltiplo é criativo, simples e dá ao ambiente uma mobilidade que inclui as necessidades de diferentes experimentações das crianças.

Essas escolhas revelam uma concepção de criança ativa, exploradora e que confere sentidos aos lugares que ocupa. Por isso, a disposição dos objetos no espaço favorece a circulação, os movimentos, a autoria e a autonomia do grupo.

Compreender a educação como mobilizadora da capacidade da criança de produzir sentido sobre o mundo e não repetir padrões existentes, implica considerar o desenho do espaço e o papel do educador. Ou seja, é necessário levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças, o incentivo às suas capacidades de criar cenas, narrativas (com vários suportes), invenção de situações, soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação e sustentar o que constroem.

3.4 CONVITE À IMAGINAÇÃO E À CRIATIVIDADE

Na intenção de que todo espaço seja uma possibilidade de presença do fazer das crianças, uma outra sugestão pode ser a identificação das diferentes áreas de uso coletivo, que pode ser feita com base numa discussão sobre como representá-las por meio da escrita, de imagens, desenhos, símbolos etc. O registro dessas reflexões podem ser

expostos na entrada, no pátio, nos corredores, por exemplo.

A área externa pode ser o espaço do ateliê de técnica mista que se realiza todas as sextas-feiras, por exemplo. É assim que a escola se modifica e revela, nessa mobilidade, toda a intensidade das experiências vividas pelas crianças. Outra forma encontrada para construir um sentimento de pertença ao ambiente é a inclusão de produções das crianças nas paredes, nos murais e demais locais de exposição. Não há espaço para desenhos estereotipados ou representações de personagens que circulam na mídia.

Mais do que comunicar os trabalhos realizados na escola, os materiais colocados nas paredes revelam o processo desenvolvido pelas crianças e oferecem modelos estéticos compartilhados pelo grupo.

Quando pensamos um espaço para a relação com as crianças, é importante que possamos aliar às qualidades físicas (o que nele é importante ter – objetos para construção, bonecos, papéis de diferentes tamanhos, fantasias etc.) com as qualidades imaginativas (como essas coisas vão convidar a inventar possibilidades, pesquisas, cenas, narrativas? Como, na relação com essas coisas, as crianças vão construir significados?). Essa ideia da flexibilidade do espaço vivido é referendada nas palavras de Bachelard, quando ele afirma que 'o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo...' (p. 25). Pensamos nos espaços antes de as crianças entrarem, mas quando eles são habitados e vividos é que se tornam ambientes de experiência, ganhando contornos de fato.

Segundo os idealizadores de Reggio Emilia, os espaços – quando ocupados com consciência – fazem com que as escolas contribuam para a criação e manutenção da sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Ou seja, quando idealizados como espaços educativos de fato, eles favorecem a organização e a promoção de relações agradáveis entre as pessoas, criando um ambiente atraente que oferece mudanças, promove escolhas e possibilita a aprendizagem social, afetiva e cognitiva, condições essenciais para que as crianças possam desenvolver todas as suas potencialidades.

3.5 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E MATERIAIS PARA APOIAR AS PRÁTICAS PROMOTORAS DA IGUALDADE RACIAL²

VIII - a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América;

IX - o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

FONTE: RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Considerar o espaço como ambiente de aprendizagem significa compreender que os elementos que o compõem constituem também experiências de aprendizagem.

Os espaços não são neutros; sua organização expressa valores e atitudes que educam. Lina Fornero, em “A organização dos espaços na educação infantil”, de 1998, propõe, ao pensar o ambiente escolar, uma importante distinção entre espaço e ambiente, especialmente relevante quando pensamos a educação infantil. Para ela, o termo espaço refere-se ao espaço físico, incluindo locais e objetos, enquanto o ambiente refere-se ao conjunto espaço e relações que nele se estabelecem.

Assim, no conceito de ambiente, que inclui as relações, contemplam-se também os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre elas e os adultos próximos e da comunidade. Sabemos que, ao organizar as salas dos grupos e demais ambientes das unidades de educação, os gestores e os professores colocam à disposição das crianças “artefatos culturais”, brinquedos, livros, imagens etc. Em geral, não há consciência de que esses objetos traduzem determinadas ideologias e concepções, que educam em uma direção que esses profissionais não planejaram e que não o fariam intencionalmente.

² Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial / [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho]. -- São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT; Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

Isso é especialmente importante na educação infantil, em que muito do que se ensina se faz por meio das oportunidades criadas na organização do tempo, do espaço e dos materiais. Em uma proposta de trabalho para a igualdade racial é importante lembrar que os “artefatos culturais” presentes nas escolas de educação infantil podem oferecer imagens distorcidas, muitas vezes preconceituosas e estereotipadas dos diferentes grupos raciais. Propomos aqui considerar essa organização do espaço, dos materiais e do tempo, também como elemento do planejamento docente.

Os ambientes de aprendizagem para a igualdade racial devem ser abertos às experiências infantis e possibilitar que as crianças expressem seu potencial, suas habilidades e curiosidades e possam construir uma autoimagem positiva. Educar para a igualdade racial na educação infantil significa ter cuidado não só na escolha de livros, brinquedos, instrumentos, mas também cuidar dos aspectos estéticos, como a eleição dos materiais gráficos de comunicação e de decoração condizentes com a valorização da diversidade racial.

A escolha dos materiais deve estar relacionada com suas possibilidades de incentivar e provocar interesse e aprendizagem. Para a escritora Fanny Abramovich, no livro “Quem educa quem?” o modo como são decoradas as escolas revela muito sobre as concepções das pessoas envolvidas. “Entrando em salas de aula de escolinhas e escolas, em geral, toma-se o maior susto. Uma olhada e já se percebe qual é a proposta da escola, como a professora encaminha o processo educacional, quais os valores em jogo” (1985, p. 77).

Quando as paredes estão repletas de desenhos fixos pintados por adultos, com personagens infantis de origem europeia ou norte-americana, exortações religiosas de uma única religião, ou ainda letras e números com olhos, bocas e roupas etc., há uma concepção de infância explicitada: uma visão de criança homogênea, infantilizada e branca. Não há espaço para a diversidade de imagens ou para a produção da criança real que habita a instituição.

Assim, a escolha das imagens que povoam a unidade educativa deve incluir a questão racial. Belas imagens de negros em posição de prestígio, motivos da arte africana, reproduções de obras de artistas negros, fotos das crianças e de suas famílias, e nos espaços mais

destacados, os desenhos e as produções das crianças etc. são exemplos que podem fazer parte do acervo das instituições de educação infantil.

3.6 ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS, BRINQUEDOS E LIVROS

Esses elementos são importantíssimos na educação infantil: espelhos, brinquedos, livros, lápis, pincéis, tesouras, instrumentos musicais, massa de modelar, argila, jogos diversos, blocos para construção, materiais de sucata, roupas e tecidos. A forma como estão dispostos no ambiente pode facilitar ou dificultar a independência das crianças, favorecer a socialização, possibilitar as escolhas e a criação. A organização das salas ou de outros espaços em cantos de atividades diversificadas é uma opção particularmente interessante para as escolas de educação infantil.

Assim como os demais elementos da organização dos ambientes educativos não são neutros, os materiais, brinquedos e livros trazem consigo ideias e valores sobre o mundo e podem apoiar a educação para a igualdade racial.

3.6.1 ESCOLHA DE BRINQUEDOS E DE LIVROS

Ter em mãos bonecas e bonecos negros, instrumentos musicais usados nas manifestações afro-brasileiras e livros que contemplem personagens negros representados de modo positivo é fundamental para o desenvolvimento de uma educação para a igualdade racial.

Ao escolher bonecas e bonecos negros, é preciso olhar para a diversidade de tonalidades de pele, de traços e de tipos de cabelo. Será que as bonecas escolhidas expressam essa diversidade? Assim como a boneca loira e de olhos azuis não traduz a diversidade de tipos da raça branca, também ao escolher as bonecas e os bonecos negros devemos procurar aqueles que representam os negros na sua variedade de tons de pele e tipos de cabelo, a pluralidade fenotípica que caracteriza a população negra. Além disso, há os critérios básicos que jamais deveriam ser esquecidos: os bonecos são bonitos e bonfeitos? Dá vontade de brincar com eles? São interessantes para as crianças?

3.6.2 OS LIVROS, AS REVISTAS E OS DEMAIS PORTADORES DE TEXTOS

As escolas de educação infantil devem ser cuidadosas ao escolher, adquirir e apresentar os materiais escritos para as crianças. Além da qualidade do texto e das ilustrações, é importante analisar os portadores textuais do ponto de vista da igualdade racial, especialmente, os livros de literatura.

Estudos realizados pelo CEERT, por Fúlvia Rosemberg e Regina Pahim, em Criança pequena e raça na PNAD 87, de 1997, e por Silva, em sua dissertação de mestrado Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático de comunicação e expressão de primeiro grau nível 1, de 1988, trazem referências que orientam profissionais a tomar decisões importantes no momento de escolher livros de literatura, que consideramos também adequados para os demais portadores textuais que serão apresentados para as crianças.

Na hora da escolha, é preciso ficar atento para questões como:

- ***há pessoas negras que ocupam diversas posições sociais e profissionais, como médicos, professores, empresários etc.;***
- ***as crianças negras encontram-se em posição de destaque de um modo positivo;***
- ***a imagem de pessoas negras é apresentada de modo positivo e não pejorativamente;***
- ***a população negra é apresentada como protagonista importante de fatos históricos e não apenas como escrava.***

3.7 OBJETOS DE AMPLO ALCANCE, JOGOS, INSTRUMENTOS MUSICAIS, VÍDEOS, MÚSICAS DIVERSIFICADAS E MUITO MAIS...

Nem só de brinquedos e livros se faz a educação infantil. É interessante que se tenha materiais versáteis e menos estruturados que podem se transformar em muitas coisas, como: tecidos, tocos de madeira, sucatas etc.

Esses materiais são polivalentes, pois podem ser utilizados com diferentes finalidades, ser transformados pelo professor na organização dos ambientes ou pelas crianças nas interações e brincadeiras. E justamente porque são tão importantes e tão presentes no cotidiano da instituição infantil, é preciso estar atento à estética e aos valores que apresentam e representam para as crianças. Os tecidos, por exemplo, apresentam múltiplas funções: podem se transformar em cabanas, delimitar um castelo, ser a capa do rei, a vela de um navio pirata e muito mais... Além disso, os tecidos com padronagens que remetam ao continente africano podem compor bonitos cenários para brincar ou decorar as paredes da instituição.

Os jogos estruturados de tabuleiro, os quebra-cabeças, jogos da memória, dominó, os de origem africana e de outros povos, assim como materiais como corda, garrafa pet para o boliche, bolas de diferentes tamanhos e propósitos devem compor o acervo das instituições.

Os instrumentos sonoros

Os brinquedos, os instrumentos de efeito sonoro, as músicas, os vídeos são materiais bastante apreciados pelas crianças e muito adequados ao trabalho com a musicalidade, importante marca da cultura afro-brasileira. Deve-se valorizar os instrumentos/brinquedos populares como: a matraca, a maraca, os piões sonoros, os chocalhos, entre outros.

Os tambores também podem ser utilizados no trabalho musical, eles são instrumentos dotados de função ritual ou sagrada para muitos povos e as crianças os apreciam muito. Esses materiais podem fazer parte de atividades de improvisação ou pequenos arranjos, de exercícios de discriminação de sons ou ainda podem ser utilizados na sonorização de histórias e brincadeiras.

Os instrumentos/brinquedos podem ser industrializados, feitos por artesãos ou confeccionados pelas crianças, como parte do trabalho organizado pelo professor. Esta pode ser uma excelente oportunidade de trabalho com as crianças maiores: pesquisar seus usos e origens, bem como sobre a estética do acabamento.

Os diretores, coordenadores pedagógicos, professores e assistentes devem:

- observar se todas as crianças são representadas ou sentem-se representadas nas imagens de crianças, famílias etc., que, em geral, compõem os murais?
- observar quais imagens predominam na decoração das paredes, murais, capas de livros e caixas, pastas, toalhas e cortinas da sua instituição?
- propor que os elementos mencionados acima sejam fotografados.
- socializar as fotos e refletir com seu grupo de trabalho sobre as imagens que aparecem.

Pesquise com seu grupo imagens que podem compor um acervo para a igualdade racial: reproduções de imagens de arte africana, de pessoas pretas ou negras, de povos originários, asiáticos, brancos em situações de protagonismo etc.

Comentem, apreciem as imagens e selecionem aquelas que mais gostarem. Onde essas imagens podem ser usadas?

Para a direção e equipe técnico-pedagógica:

- Observar e fotografar os materiais, identificando a disposição e a organização no espaço.
- Socializar com a equipe as fotos, e fazer as perguntas: os materiais e sua disposição explicitam uma concepção de educação infantil centrada na criança, em seu bem-estar, autonomia e criatividade?
- Eles valorizam a diversidade racial?
- Observem separadamente os livros, os brinquedos, os materiais decorativos à luz de um ambiente que objetiva a educação para a igualdade racial.
- O que teríamos que organizar para ter os materiais adequados para o trabalho?

3.8 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO POSSÍVEL³

Qualquer que seja o espaço destinado às crianças pequenas, há sempre muitas possibilidades para torná-lo mais confortável e adequado às experiências infantis.

³ ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. Organização dos ambientes para os bebês – o olhar atento. In: **Interações: Ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar uma única ação**. São Paulo: Blucher (Coleções InterAções), 2012.

Todos os ambientes construídos para crianças pequenas devem possibilitar seu desenvolvimento global, de forma a abranger a identidade pessoal, aprendizagem, sensação de segurança, confiança, exploração e momentos de privacidade.

Os objetos pessoais devem ser personalizados para evitar o tratamento massificado e por isso, é importante o uso de tarjetas com o nome e/ou fotografia das crianças, identificando seus pertences.

O ambiente precisa favorecer a criança a agir com autonomia, sem que fique um adulto direcionando o tempo todo, de forma segura e prática: pegar brinquedos em uma estante baixa, explorar paredes, pegar um copo etc.

Pode-se fazer móveis que fiquem na altura das crianças, colocar guizos que produzem sons, odores que podem variar se tiver móveis com ervas ou almofadas recheadas com especiarias ou, ainda, umidificadores de ar com essências antialérgicas.

As crianças precisam se apoiar e ficar em pé sozinhas, um caixote de madeira pode ser este apoio, ou uma barra; elas podem subir e descer escadas baixas, entrar e sair de cubos e túneis, escorregar numa rampa, entrar em um pneu recoberto de espuma e tecido, percorrer um circuito com rampas inclinadas, pneus, tocos, escada deitada etc. Enfim, o importante é oferecer a oportunidade de explorar o ambiente por meio de movimentos diferenciados. As crianças precisam engatinhar, andar, correr, se pendurar, subir, descer, tentar, fazer, acertar, errar, tentar de novo.

Temos que pensar que em muitas instituições o espaço ao longo do dia vai ter funções diferentes: “ora é para comer, ora é para dormir, ora é para brincar”, por isso deve haver uma flexibilidade do mobiliário que possibilita mudanças conforme a necessidade.

As paredes são testemunhas do que ocorre no cotidiano, desta forma devem expor os trabalhos realizados pelas crianças como: desenhos, pinturas, colagens, poemas, declamações, histórias lidas; outra parte pode ser destinada a organização do cotidiano: rotina, lembretes, avisos para que as crianças vejam os adultos como usuários da linguagem escrita e percebam seu uso social, além de fotos das crianças em diferentes momentos, dos familiares e dos bichos de estimação.

Outra parte da parede pode ficar para aproximar as crianças da cultura. Expor reproduções de quadros, gravuras, fotos, esculturas que sejam significativas para os pequenos ou que ampliem a sua visão de mundo e despertem a curiosidade. Lembrando sempre que todos os adultos devem estar atentos ao excesso de informações visuais, realizando escolhas com bom senso e criticidade.

Ressaltamos que alfabetos e retas numéricas não fazem sentido para as crianças de grupo 1 e 2; o desenho de algum artista plástico, como Miró ou Iberê Camargo, um pôster de diferentes raças de cachorros tem mais afinidades com os bebês. Seus nomes dentro de um centopeia desenhada pelo adulto não são entendidas, mas ao lado de sua foto ou bordado no saquinho de sua roupa de dormir, sim.

É preciso ter claro que as salas devem atender às necessidades das crianças, ser flexíveis e sempre renovadas para manter-se instigantes e desafiadoras. Cabe aos adultos ter conhecimento e compromisso necessários para atenderem com profissionalismo e sensibilidade as crianças.

Para colocar em prática

O ambiente visual é decisivo no processo educativo e, portanto, torna-se indispensável deixar de lado a velha prática na educação infantil de adornar as salas com imagens midiáticas, para, em vez disso, valorizar as produções das crianças, as quais enriquecem o ambiente, produzem novas vivências e integram as pessoas que ali convivem.

Desta forma destacamos:

- preparar os ambientes em suas dimensões: funcional (divisão de responsabilidades entre os adultos, como higienização de objetos, pias, copos e utensílios); espacial (espaços internos e externos organizados com diferentes arranjos possíveis); temporal (rotinas que possibilitem tempos maiores ou menores para cada atividade e para as ações e situações de cuidados diários); interacional (entre as crianças, entre crianças e adultos, que desafiem e promovam conversas dialógicas sobre histórias de vida, de brincadeiras, de livros etc.);
- organizar nas salas um local destinado para colocar os pertences de cada criança, como os objetos vindos de casa e que retornarão diariamente;

- considerar que as salas servem a inúmeras finalidades, assim poderão ser organizados espaços específicos para o momento do sono, da higiene e da alimentação, de acordo com as especificidades de cada escola;
- decidir, com os professores e assistentes, sobre a utilização dos diferentes espaços da instituição para a realização das demais atividades oferecidas às crianças, em ambientes que sejam abertos, evitando tempo demasiado em ambientes fechados;
- organizar os espaços das unidades, incluindo pátios cobertos e não cobertos (árvores, gramados, solário, jardins, corredores, tendas, gazebo, parque etc.) para que fiquem à disposição das crianças, com planejamento para serem frequentados por todos os grupos, alternadamente, se necessário.
- refletir sobre como aliar as qualidades físicas do espaço – o que é relevante ter (cartazes, objetos, fantasias) – com as qualidades imaginativas das crianças, no sentido de qual modo esse ambiente irá convidá-las a inventar possibilidades de pesquisas, cenas, narrativas, construir significados etc. Por isso, o espaço é tido como lugar flexível, ou seja, que se transforma, pois suas (re) composições acontecem frequentemente;
- compor ambientes decorados com produções das crianças por toda a instituição, sem trabalhos estereotipados ou confeccionados pelas professoras;
- expor cartazes sem excesso de cores, com informações necessárias, dispostos na mesma parede para facilitar a visualização e a exploração do que está sendo apresentado;
- evitar a falta de espaço e materiais para as crianças, assim como o excesso deles, pois um ambiente com muitos materiais pode deixar as crianças confusas em suas escolhas.

PARA SABER MAIS:

CORSINO, Patrícia; GUIMARÃES, Daniela. Espaços e experiências. In.: Educação Infantil: cotidiano e políticas. Autores Associados. 2012. Campinas, São Paulo.

CORTEZ, Clélia. Tempo, espaço e a construção de um ambiente de aprendizagem. In.: Interações: diálogos com as inquietações dos educadores da primeira infância. São Paulo: Blucher, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo, de Nilda Alves. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. Tel.: (21) 2232-1768. Site: www.mundoeducacaofisica.com

A poética do espaço, de Gaston Bachelard. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Tel.: (11) 3106-9133. Site: www.martinsfontes.com.br

4

ACOLHIDA E ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS: ACOLHER E/OU ADAPTAR?

De acordo com o significado dicionarizado, “acolher” é a maneira de receber ou ser recebido e essa disponibilidade é percebida nos olhares, no tom de voz, no cuidado e na atenção dispensada às crianças e aos familiares na chegada à instituição de ensino. Como demonstrar esse acolhimento? A resposta está em como a instituição se organiza e planeja esse momento de forma intencional e condizente com a faixa etária.

Por outro lado, “adaptar-se significa somar-se a um novo contexto” (ORTIZ, 2012, p.46), a criança irá encontrar pessoas e situações com as quais ainda não tem nenhuma familiaridade. Por isso, integrar-se a uma nova rotina demanda tempo e investimento, tanto da família quanto da instituição. Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1997), a maneira como a família vê a entrada da criança na instituição de educação infantil tem uma influência marcante nas reações e emoções da criança durante o processo inicial” (BRASIL, 1998, p. 80). Aos poucos as crianças vão adaptando-se, incorporando as novas rotinas e envolvendo-se com as brincadeiras e atividades propostas. Convém lembrar que as crianças que já frequentam a instituição também merecem atenção pois quando retornam deparam-se com muitas novidades como: mudança de professores, novos assistentes, trocas de sala, enfim também precisam ser acolhidas e ter respeitado o tempo para a adaptação.

É muito comum os termos acolhimento e adaptação serem confundidos ou tratados como sinônimos. É um equívoco, pois na verdade são ações complementares que devem permear todo o percurso da criança na escola, por meio de um planejamento sensível e intencional, que permita, de fato, a adaptação almejada.

4.1 O ANO COMEÇOU E AGORA?

Como já foi dito, nas instituições de educação infantil, a acolhida e adaptação são processos que devem ser compreendidos como ações interligadas e prioritárias, por isso é importantíssimo que os profissionais lembrem-se que é um momento delicado e se mal conduzido pode acarretar situações desgastantes. Todos os envolvidos no processo: crianças, familiares e profissionais, carregam uma carga extra de ansiedade e expectativa. Por isso insistimos na necessidade de desenvolver um planejamento de acolhida que será ajustado ao longo do ano, de acordo com as necessidades das crianças durante sua permanência na instituição. Existe uma relação direta entre acolhida e adaptação. Quanto mais satisfatória for a acolhida, mais rapidamente a criança se adaptará às novas rotinas, companheiros e adultos da escola.

4.2 OFERECER ATIVIDADES PRAZEROSAS AJUDAM A ALIVIAR A TENSÃO INICIAL

Na educação infantil, as primeiras semanas de adaptação das crianças pequenas são especiais e requerem além de atenção redobrada uma programação diferenciada. É importante lembrar que não há regras definidas: algumas crianças demandam um tempo maior para se adaptarem, outras não, portanto esse tempo é flexível. Por tratar-se de um processo algumas estratégias podem ser utilizadas a fim de diminuir a tensão nessa fase inicial. Por isso, é importante:

- criar uma aproximação e oferecer segurança à criança e à família;
- oferecer um ambiente acolhedor e estabelecer vínculo entre a instituição e a família, com diálogo constante, sendo relevante conversar com os familiares sobre seus filhos, em relação ao cuidado mais específico com a saúde ou a alimentação (por exemplo, intolerância à lactose), também conversar sobre seus medos, brincadeiras e preferências etc.;
- definir horários para que as crianças aumentem gradualmente o tempo de permanência na instituição ajuda a acostumá-las ao ambiente;
- dar atenção aos objetos afetivos (bonecas, paninhos, chupetas etc), encontrando um espaço e um modo para lidar com eles, conservando-os, valorizando-os e aproveitando-os;

- preparar todas as condições materiais e as situações adequadas para realizar o acolhimento e adaptação das crianças inclusive organizando cantos com fotografias e/ou objetos conhecidos das crianças;
- organizar espaços para acolher as crianças, dispondo objetos afetivos e brinquedos, mas conservando áreas onde ela possa movimentar-se e explorar livremente com segurança;
- organizar espaços que sirvam de pontos de referência para a criança guardar seus pertences e seus objetos afetivos que as ajudem a sentirem-se seguras e lembrarem-se do mundo familiar;
- os pais podem entrar e ficar na instituição, permitindo que a separação seja mais suave para as crianças;
- preparar um espaço onde os pais que desejarem ficar um tempo a mais para dar segurança à criança, possam permanecer visíveis mas sem alterar a dinâmica de recepção das outras crianças;
- planejar experiências de diferentes manifestações culturais, por meio da arte (música, literatura, pintura, desenho, teatro). Essas escolhas podem contribuir para uma vivência mais tranquila e segura das crianças na escola;
- o professor deve mostrar-se disponível para ajudar a minimizar a sensação de ruptura na criança e facilitar sua adaptação à escola;
- compreender que o choro, gritos, reações de mau humor, passividade, sono desregulado, entre outros são naturais na fase de adaptação e tendem a diminuir progressivamente.

4.3 CONVERSANDO COM AS FAMÍLIAS...

A chegada da criança e suas famílias na instituição de educação infantil é um momento delicado que envolve todos os partícipes do processo. Entretanto, o cuidado maior diz respeito às ações com as crianças. É preciso tratá-las com afeto e amorosidade, dando colo, acalmando-as quando chorarem, valorizando seus objetos de afeto e propondo atividades que oportunizem momentos prazerosos. Todas essas ações, entretanto, precisam ser organizadas com intencionalidade pedagógica e de acordo com a faixa etária. Existem muitas estratégias que podem e devem ser desenvolvidas pela instituição de modo a tornar esse momento mais suave. Por isso, insistimos na questão do estudo e pesquisa para avançarmos nesse processo de forma consciente e tranquila.

- planejar o início do ano com decisões coletivas, nas quais a comunidade institucional seja convidada a participar, pois os professores e assistentes podem encontrar as respostas mais adequadas para o momento - por isso, é importante discutir juntamente com toda a comunidade escolar as ações necessárias para iniciar o ano letivo de 2024;
- manter os canais de comunicação entre a escola e família, informando sobre a configuração do retorno das crianças, as modificações, adequações, entre outros;
- conscientizar as famílias sobre a necessidade de manter a ficha cadastral das crianças atualizadas, em especial os números de telefones para contatos emergenciais;
- esclarecer e informar, antecipadamente, aos responsáveis de cada criança, o cronograma com as datas previstas para reunião de pais, eventos culturais, reuniões de formação continuada para os profissionais da instituição e informativos sobre as regras de funcionamento e organização da escola.

4.4 ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO

Trataremos sobre algumas questões que suscitam dúvidas frequentes nesse processo de acolhida e adaptação. O intuito não é de minimizar a complexidade dos temas, mas lembrar conceitos, ações e atitudes que permeiam o trabalho na educação infantil de maneira mais pontual. Vale lembrar que os estudos não se encerram nessa jornada. É importante e necessário que os temas sejam aprofundados e retomados constantemente e toda vez que chegarem professores ou assistentes novos para atuarem na instituição de educação infantil.

- Choro: o que significa?

O choro é uma forma de comunicação muito importante para crianças pequenas. Não é, necessariamente, um sinal de que ela está sofrendo. Pode sinalizar coisas como: eu não conheço esse lugar, essas pessoas são estranhas etc. Por outro lado, é preciso ficar atento pois embora seja natural não devemos banalizar o choro nem achar que ele deve parar sozinho.

- O que fazer se a criança não para de chorar?

Primeiramente é necessário ter sensibilidade para observar se o choro está relacionado ao incômodo com a situação ou algum desconforto (fome, fralda molhada ou suja), caso persista de forma muito intensa pode ser indicativo de dor ou sensação de desamparo com a nova situação. Nesses casos convém entrar em contato com um familiar para ficar com a criança ou dar colo. Essa ação pode contribuir para que a criança se sinta protegida e segura e aos poucos poderá interagir melhor com este novo contexto, acalmando-se. Uma coisa é certa, acolher a criança nesse momento não a tornará manhosa, birrenta ou mal acostumada. O tempo de adaptação é diferente para cada um, mas uma acolhida amorosa faz toda diferença neste processo.

- Existem recursos para ajudar nesse momento?

Os objetos de apego (um brinquedo, a chupeta, um cobertor ou algum outro tipo de pano) podem ajudar a confortá-las por remeterem ao ambiente familiar.

- Se a criança não chora é sinal de que está adaptada?

De acordo com Ana Paula Yazbek, do Espaço Vila: “Não é porque a criança não está dando trabalho que ela não precisa de atenção. É preciso olhar para essas crianças, acessá-las e inseri-las nas atividades em que a turma está envolvida respeitando suas vontades, mas sem ignorá-las”. Cada criança é única e reage de forma diferenciada diante de situações semelhantes.

- Acolhimento e adaptação são processos que se encerram no início do ano letivo?

Não, durante o percurso podem acontecer situações que afastem temporariamente a criança da escola, questões de saúde, finais de semana, feriados prolongados e outros. Quando a criança retorna é necessário dar uma atenção maior e acolhe-la para que ela se reacostume com a rotina, de modo que o afastamento, não provoque nenhum estranhamento. Como vimos, existem muitas variáveis que podem interferir no processo de adaptação. O cuidado e atenção devem ser constantes.

- Quais atividades são indicadas para o período de adaptação?

Primeiramente não podemos esquecer que as atividades devem ser planejadas de acordo com a faixa etária e respeitando as particularidades da turma. Elas podem ser simples, mas não muito diferentes do que serão desenvolvidas durante o ano de modo a não criar expectativas que não terão continuidade frustrando as expectativas das crianças.

Para as crianças maiores sugere-se rodas de histórias e conversa, atividades com pintura, melecas, brincadeiras ao ar livre com areia, terra ou barro, faz de conta. Talvez seja um bom momento para apresentar os adultos e os espaços da escola. Se as crianças puderem levar algo produzido na escola, como um desenho ou uma massinha é interessante, pois fortalece o vínculo entre os dois ambientes (instituição e casa).

Para as crianças menores, é preciso dar atenção aos cuidados essenciais: para que elas sejam acolhidas e se adaptem à nova rotina de maneira tranquila. As necessidades biológicas, como sono, alimentação e higiene, são tão importantes quanto as afetivas, motoras e cognitivas. O ideal, é ter intenções educativas e definir as atividades em função das crianças. Dessa forma, a rotina passa a ser um elemento organizador do cotidiano. Privilegiando experiências: brincadeiras e desafios motores, exploração de objetos, brincadeira de faz de conta, brincadeiras cantadas e jogos tradicionais, dança e expressão corporal, imitar pessoas, animais e personagens e etc.

- O bebê ainda mama no seio. Como lidar com essa situação?

É importante que a escola apoie a mãe que amamenta e organize um espaço para que ela tenha privacidade e tranquilidade na amamentação.

- Os pais ou responsáveis pelas crianças podem participar mais efetivamente da adaptação na escola?

Sim, da mesma forma que as crianças, os pais ou responsáveis por ela também criam muita expectativa em relação ao início da jornada escolar. Por isso é fundamental que essa relação seja saudável desde o início. É importante se possível, preparar um espaço para que os familiares possam ficar tranquilos ao entregar sua criança. Porém, isso

não deve ser uma imposição. Alguns pais preferem ou não podem ficar e também devem ter respeitada sua decisão ou necessidade. Não esquecer, entretanto, de verificar se possuem anotados os contatos para se comunicarem com as famílias caso haja necessidade. Todas essas possibilidades devem ser planejadas e combinadas com antecedência. A escola pode organizar um folder com informações básicas sobre a escola e sobre o acolhimento como guia para orientar os responsáveis.

- Existe algum procedimento padrão para receber as crianças na escola?

O único procedimento padrão deve ser o bom senso. Ao planejar o acolhimento das crianças deve-se ter como prioridade o bem-estar delas e de suas famílias. Entretanto, algumas estratégias são bem-vindas como dividir as crianças em grupos menores em períodos distintos; diminuir o tempo de permanência das crianças que estão com mais dificuldades, por exemplo. Claro que se deve olhar também para a necessidade das famílias. As crianças que estão mais tranquilas e adaptadas não necessitam serem dispensadas mais cedo. Isso pode gerar transtornos desnecessários e dificultar o processo. A intencionalidade, flexibilização e o olhar para cada criança é fundamental nesse momento para o sucesso do processo de adaptação.

A chegada e a ambientação das crianças nas instituições necessitam ser planejadas por parte dos adultos que as acompanham, compreendendo que este é um momento de separação da família, que é pessoal e diferente para cada uma. São muitas as estratégias que podem ser desenvolvidas nas instituições educativas nesse período, com diferentes possibilidades de atividades para as crianças realizarem de maneira tanto individual quanto coletiva. Para tanto, destacamos algumas sugestões.

POSSIBILIDADES DE EXPERIÊNCIAS PARA AS CRIANÇAS

1ª SEMANA - 15 e 16/02

GRUPO 1 E GRUPO 2

- Organizar um canto com colchonete e blocos de empilhar.
- Ter um espaço em frente ao espelho, com móveis aromatizados na altura das crianças.
- Montar um canto no chão com bichinhos e bolas.
- Oferecer outro canto com brinquedos sonoros (chocalhos, tambores e apitos, etc.).
- Alegria o ambiente com uma música suave e agradável. Pode ser instrumental.

AÇÃO DOS ADULTOS: apresentar cada canto para as crianças e convidá-las a fazer escolhas. Estabelecer diálogo com as crianças (perguntar se elas estão bem, se está com fome, com sede, o que mais gostou) com forma de aproximação.

2ª SEMANA - 19 e 23/02

- Contar uma história apoiada em boas imagens.
- Oportunizar espaço de locomoção livre para que cada criança se movimente de acordo com suas possibilidades motoras.
- Organizar materiais em caixas, cestos e sacos.
- Passear pela área externa em pequenos grupos ou organizar um espaço com brinquedos.

AÇÃO DOS ADULTOS: organizar cada momento com antecedência dividindo ações entre professores e assistentes, compreender que explorar a grama, o chão de terra, a calçada de cimento, cada uma dessas superfícies e materiais oferece experiências diferentes: a sensação do terreno irregular ou muito liso no pé, a textura de cada piso, a mudança de temperatura.

- Criar oportunidades para que as crianças dançam ao som de músicas variadas de diferentes regiões e grupos culturais.
- Brincar de imitar pessoas, animais e personagens.
- Explorar tintas, massas e misturas.
- Brincar com água e demais materiais para ampliar a exploração.
- Organizar papelão ou papel Kraft presos ao chão para incentivar o desenho das crianças com material riscante seguro (giz de cera grosso).
- Conversar com as crianças com apoio de objetos e imagens.

AÇÃO DOS ADULTOS: o adulto precisa compreender que o desenho para crianças pequenas é um ato motor até ela perceber que o movimento produz marcas, por isso é necessário oferecer materiais diversos para as crianças incentivando as possibilidades gestuais.

GRUPO 3, 4 e 5

- Organizar cantos com brinquedos, livros, materiais para desenhar.
- Fazer roda para apresentar-se aos colegas e falar sobre algumas preferências e sentimentos sobre estes primeiros dias.
- Ir ao parque ou espaço externo para conhecer e brincar com bola, correr e explorar a natureza.
- Brincar de roda, de esconde-esconde, pega-pegas.

AÇÃO DOS ADULTOS: é importante os adultos entenderem que esse momento também é de acolhimento e adaptação para as crianças maiores. Por isso, os espaços e as experiências devem ser pensadas para aproximar ou reaproximar as crianças da escola. Então preparar o espaço e organizar atividades interessantes podem facilitar este momento.

- Brincar de telefone sem fio;
- Cabana;
- Imitar animais;
- Desenho;
- Contação de histórias;
- Caça ao tesouro;
- Jogos de tabuleiro;
- Faz de conta

AÇÃO DOS ADULTOS: organizar muitas brincadeiras é fundamental para as crianças, pois é por meio delas, que as crianças descobrem o mundo, exploram, aprendem e interagem e aprendem. As brincadeiras como atividade guia das crianças deve permear todas as ações educativas.

OUTRAS SUGESTÕES:

BRINCAR COM MELECAS

- Trabalhar com melecas para proporcionar às crianças ações prazerosas como o contato sensorial dos materiais e o movimento do próprio corpo.
- Produzir diferentes melecas para as crianças perceberem e sentirem a transformação e a plasticidade causada pela mistura de diferentes substâncias.
- Diversificar as formas de propor melecas, tanto do que diz respeito à confecção da massa, que pode variar, como do local onde será oferecida (no chão, sobre a mesa, sobre papéis de diferentes texturas etc.) ou dos acessórios que apoiarão a exploração (rolinhos, potes, tampas, bacias, palito de sorvete etc).

BRINCAR COM ÁGUA

Momento lúdico: Confeccionar água colorida e poções com glitter e purpurina.

Momento expressivo: Utilizar elementos naturais e materiais artísticos para transformar a água: confecção de tintas naturais para encontrar novas cores e texturas; pesquisa com guache, nanquim ou anilina para a produção de tintas aguadas; pinturas escurridas com o manuseio de borrifadores e conta-gotas; desenho com água no chão ou no papel.

Momento investigativo: observação de poças provocadas no chão de terra; sensibilização com diferentes temperaturas da água; experiências de evaporar a água, fazer gelo e descongelar.

BRINCAR COM TERRA

- Fazer pesquisa e observações no quintal da escola.
- Amassar a terra com as mãos para deixá-la em pedaços pequenos
- Transformar a terra em tinta, em barro, misturá-la com argila, com areia e outros materiais.
- Usar argila de diferentes formas: modelagem livre; modelagem com uso de instrumentos; desenho no papel, no azulejo ou no chão, utilizando outros materiais naturais como folhas, flores, galhos.

BRINCAR COM O AR

- Misturar sabão com água colorida para criar esculturas no ar e depois no papel.
- Amarrar sacolas plásticas com linhas, como se fossem pipas para as crianças observarem a direção do vento.
- Colocar folhas secas em um recipiente e depois convidar as crianças para correrem atrás das folhas que serão levadas pelo vento.

Ação do adulto: organizar essa sequência de experiências com os elementos da natureza com o propósito de valorizar e incentivar a investigação, a experimentação com aproximação com a arte.

5 PLANEJAMENTO

Quando um ano se inicia novas expectativas são criadas em relação ao trabalho que será desenvolvido neste recomeço. Vislumbram-se outras possibilidades, trajetórias e alcances, mesmo quando o percurso já é conhecido, como estar na mesma escola ou acompanhando o mesmo grupo etário. No entanto, para que isso ocorra é fundamental que os profissionais da educação tenham o conhecimento sobre o que, como e aonde querem chegar para que o seu trabalho seja transformador da realidade e garanta os direitos das crianças. Diante disso, uma pergunta torna-se essencial: “qual o caminho seguir”? O planejamento das ações é o primeiro passo que se deve tomar!

Planejar o caminho, estabelecendo metas, objetivos e percursos do trabalho pedagógico é uma tarefa que deve ser realizada de forma articulada com outros documentos institucionais, como o Projeto Político-Pedagógico da instituição, os planos anuais, projetos didáticos, entre outros documentos que orientaram o trabalho pedagógico no ano anterior, marcaram um determinado momento e que, por isso, apresentam a possibilidade de continuidade entre um ano e outro, articulando as experiências vividas pelas crianças no percurso pelos grupos constituídos.

A Jornada Pedagógica é o momento no qual tanto professor quanto equipe técnico-pedagógica recuperam as produções e registros para os ajustes e adequações necessários que permitirão (re)construir a identidade, “sempre nova e atualizada”, da escola.

Assim, tanto professor como a equipe técnico-pedagógica, deverá lançar mão de instrumentos que viabilizem expor essa articulação e intencionalidade do trabalho a ser desenvolvido ao longo do ano. São eles:

5.1 PLANO DE TRABALHO DA EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICA

O Plano de Trabalho do coordenador pedagógico antecipa e organiza as ações que necessitam ser desenvolvidas. É um instrumento didático que define prioridades e estratégias para chegar aos objetivos pretendidos. Deve ser elaborado a partir do levantamento das demandas do grupo, levando em consideração os conhecimentos e necessidades dos professores e assistentes com os quais trabalha.

Ante a importância de organizar processo educativo na instituição, cada profissional deve elaborar o plano de trabalho individual, no início do ano letivo, de forma a apresentar os seus propósitos, as principais dimensões de sua atuação, os encaminhamentos, as estratégias e a organização do tempo, por meio de um cronograma de trabalho. O importante é que ele seja útil para sistematizar o trabalho e concretizar as prioridades e ações previstas.

OBSERVAÇÃO: aproveite a Jornada Pedagógica, destine um tempo e apresente o seu Plano de Trabalho para sua equipe de professores, dialogue com o grupo sobre suas ações, intenções e prioridades para o ano letivo de 2024.

5.2 PLANO DE ENSINO ANUAL ORGANIZADO PELOS PROFESSORES

O Plano de Ensino Anual apresenta-se como um elemento estruturante da ação pedagógica docente. Dessa forma, deve ser considerado um documento voltado para a prática, para aquilo que efetivamente será desenvolvido enquanto proposta de ensino e expectativa de aprendizagem pela escola, no geral, e pelos professores, em específico, articulando um conjunto orgânico de fatores que vão desde o (re)conhecimento da realidade objetiva em que a comunidade escolar está inserida, passando pelas concepções de conhecimento, de currículo que orientam a escola e pelos objetivos de aprendizagem que se pretendem em cada campo de experiências.

Enquanto documento dotado de intencionalidade, racionalização, organização e coordenação, o Plano de Ensino constitui-se como uma projeção das ações docentes articuladas à otimização dos processos de ensino e de aprendizagem. Em outras palavras, expressa os caminhos que os docentes perseguirão em sua atividade diária considerando os objetivos educacionais propostos.

Para tanto, é importante que o Plano de Ensino integre diferentes dimensões considerando a análise da realidade concreta dos sujeitos, dos objetos de conhecimento e da ação pedagógica, os valores humanos, éticos, intelectuais e profissionais do professor, as representações prévias dos alunos acerca dos conhecimentos escolares e o domínio pelo professor dos conhecimentos científicos da sua área de formação.

Estas diferentes dimensões devem constituir um contexto relacional, visando a consecução das aprendizagens que deverão ser desenvolvidas na educação infantil para cada campo de experiência, grupo e distribuição do tempo.

A elaboração do Plano de Ensino também deve considerar as formas de mediação da aprendizagem que compõem a ação docente, abrangendo as proposições metodológicas e a organização das relações interpessoais, dentre outros. Nesse sentido, o documento deve expressar as finalidades educacionais explicitadas por meio dos objetivos de ensino, as expectativas de aprendizagem e as práticas realizadas em sala de aula.

Tais aspectos não precisam, necessariamente, aparecer explicitados textualmente na estrutura do documento, mas são imprescindíveis à elaboração do Plano Anual de Ensino, constituindo-se como pontos de reflexão para que o produto final seja coerente com as ações docentes que serão efetivadas no ambiente escolar. Além disso, em seu percurso de aplicação, o documento deve ser revisado, questionado e aprimorado a partir dos contextos didático-pedagógicos observados ao longo do ano letivo, considerando as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e educacionais da comunidade escolar.

A Jornada Pedagógica consiste em um dos momentos oportunos para que essas reflexões e revisão, se necessária, aconteçam para que o Plano Anual se efetive enquanto instrumento que direciona as ações realizadas ao longo do ano, bem como as articulações das experiências vividas pelas crianças entre os diferentes grupos.

Por isso, com o objetivo de viabilizar a atuação da equipe técnico-pedagógica e estabelecer uma unicidade para a REME, foi disponibilizada às escolas a estrutura para elaboração do Plano de Ensino Anual, coerente com o Referencial Curricular da REME (2020) e contendo os elementos fundamentais que caracterizam esse instrumento.

A estrutura e as orientações acerca dos elementos do Plano de Ensino Anual têm sido apresentadas, reiteradamente, pela equipe técnica da SEMED em formações e pautas de acompanhamento. Nesse sentido, podem ser retomadas pela equipe técnico-pedagógica em suas definições como ponto de partida para subsidiar as análises e tomadas de decisões quanto às alterações necessárias para o ano de 2024. Vale lembrar, que:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTOS: são diferentes contextos de aprendizagens que articulam as ações e o agir das crianças com às ações e encaminhamentos dos professores. Os campos de experiências constituem as diversas possibilidades de experiências que as crianças podem e devem usufruir nas instituições educativas que frequentam para aprenderem e se desenvolverem. Eles incluem as práticas sociais e culturais, conhecimentos produzidos pela ciência e as múltiplas linguagens simbólicas que neles estão presentes. São constituídos como capacidades construídas pela participação e vivência das crianças em situações significativas no espaço escolar.

EMENTA DO CAMPO: é síntese do que trata o campo, as suas especificidades e quais são as situações no cotidiano institucional que se articulam em torno dos saberes e conhecimentos.

DIREITOS DE APRENDIZAGENS: são as conquistas significativas para as crianças de 0 a 5 anos que devem ser assegurados pelos professores. Segundo Fochi (2017) “os direitos de aprendizagem expressam os diferentes modos como as crianças aprendem”. Na educação infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, assegurando-lhes os direitos de aprendizagem de **CONVIVER, BRINCAR, PARTICIPAR, EXPLORAR, EXPRESSAR-SE E CONHECER-SE.**

EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS: é a relação das experiências e os conhecimentos mais relevantes, feitas pelos professores, que necessitam ser vivenciados e apropriados pelas crianças durante o ano letivo. Eles derivam dos direitos de aprendizagens. A experiência na educação infantil não é episódica nem relacionada somente ao cotidiano, que tem que ser assimilada às pressas e produzir efeitos imediatos. Ao longo do processo educativo as crianças pequenas vão consolidando compreensões e conhecimentos cada vez mais elaborados sobre o mundo e sobre as coisas. Por isso, a seleção são as práticas relevantes que estruturam o cotidiano e os conhecimentos mais elaborados.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGENS E DESENVOLVIMENTO: os objetivos referem-se ao que as crianças podem aprender por meio das experiências de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se e dos saberes e conhecimentos selecionados. Portanto, os objetivos têm FOCO NAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGENS desenvolvidas por meio do trabalho educativo intencional como possibilidades de promoção do desenvolvimento das crianças.

MODALIDADES ORGANIZATIVAS: compreendem os modos de organização do currículo e das experiências (os projetos, as sequências didáticas, as atividades permanentes e ocasionais) que serão desenvolvidas ao longo do ano, em cada grupo. Ressalta-se que a depender do contexto algumas das atividades referem-se a mais de uma modalidade organizativa, pois não há uma regra que elas pertençam apenas a uma única modalidade organizativa. Ex: um sarau pode ser uma atividade independente, mas também pode ser um produto final de um projeto didático.

O planejamento do professor consiste num projeto estrategicamente pensado para acompanhar o movimento do tempo em diferentes instrumentos que se articulam e se complementam. Após a discussão sobre o Plano Anual, na sequência, o plano de aula será destacado para contribuir com reflexões desenvolvidas nas escolas a esse respeito.

5.3 PLANO DE AULA

O planejamento docente é um dos aspectos inerentes ao trabalho docente e essa ação, apesar de pré-estabelecer caminhos a serem trilhados, não deve ser inflexível, considerando a dinamicidade dos contextos escolares. Nesse sentido, adaptações frente à realidade diária devem ser consideradas de modo que o planejamento seja ajustado às especificidades de cada turma.

A elaboração dos Planos de Ensino e Planos de Aulas constitui-se como ato social articulado com o projeto de educação de cada unidade educacional, pressupondo sujeitos autores das suas decisões, ações e posições, atuando como autoridades naquilo que ensinam para as crianças.

Um dos instrumentos de planejamento é o Plano de Aula. Ele favorece a organização do trabalho didático na medida em que apresenta a forma como as atividades serão desenvolvidas, atenuando incertezas, conflitos, dúvidas, dentre outros fatores que possam influenciar negativamente nos processos de ensino e/ou de aprendizagem.

A elaboração do Plano de Aula deve considerar o Plano de Ensino Anual, detalhando aspectos metodológicos e outros elementos que explicitem os conhecimentos, atividades e procedimentos pretendidos para a jornada diária.

Enquanto uma proposta de trabalho docente, o Plano de Aula corresponde ao nível mais detalhado do planejamento didático e deve, em linhas gerais, responder de forma objetiva a quatro indagações:

1. **O que ensinar?** (ou seja, quais conhecimentos/conteúdos serão desenvolvidos naquela aula ou conjunto de aulas);
2. **Para que ensinar?** (ou seja, explicitar quais objetivos expressam o que se espera que os alunos aprendam com os conhecimentos selecionados);

3. Como ensinar? (ou seja, indicar quais estratégias metodológicas e recursos didáticos serão adotados para ensinar);

4. Como avaliar? (ou seja, identificar os critérios e instrumentos de avaliação que serão empregados para se verificar se os objetivos de ensino daquele plano se efetivaram em aprendizagem para as crianças).

A organização das aulas deve propiciar diferentes momentos de aprendizagens que respeitem características específicas de cada campo de experiências, assim como a articulação entre eles. Dessa forma, é possível ver a sala como um microuniverso em que diferentes contextos de vida estão inseridos e assim o professor deve pensar em diversidades de situações para a criança interagir e aprender.

Ainda, cabe destacar que estabelecer uma periodicidade de processos avaliativos favorece para que os planejamentos sejam revistos em tempo hábil, ajustando as situações planejadas às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Por fim, na organização do Plano de Aula, o professor precisa ter a percepção de que as práticas desenvolvidas em sala e em outros contextos devem oportunizar à criança uma formação capaz de torná-la um ser criativo e capaz de modificar suas formas de pensar e agir como pessoa. Assim, no planejamento das aulas o professor deve considerar o seu papel perante a organização das suas atividades e da escola, visto que as crianças buscam no professor, inspiração para sua formação como sujeito partícipe da sociedade.

O plano de aula é um desdobramento de menor unidade para a organização e sistematização do trabalho pedagógico. Embora seja um trabalho autoral, criativo e diversificado do professor, ele contém elementos que são indispensáveis para a sua elaboração. A SEMED trabalha com uma estrutura de Plano de Aula para a educação infantil, disponível no Ambiente de Aprendizagem/AVA- Moodle (Biblioteca Digital). De acordo com esta estrutura, o Plano de Aula deve conter:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS: quais os campos envolvidos? Quais serão contemplados? Destacando os de maior evidência.

SABERES E CONHECIMENTOS: quais os específicos e mais relevantes que possibilitarão as crianças conhecerem, explorarem, vivenciarem na turma que frequentam diariamente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: o que se espera que as crianças aprendam, pesquisem ou descubram com os saberes e conhecimentos selecionados para o dia ou semana.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: é importante considerar as dimensões: espaço, tempo, materiais e interações. Detalhar as ações que serão realizadas. Em que momento será realizado e com qual duração? Em qual ambiente irá acontecer? Como as crianças estarão organizadas? Quais materiais serão utilizados e estão disponíveis? Como será a introdução? Como vai povoar a imaginação, curiosidade ou interesse das crianças? Quais as principais intervenções? Como finalizar as experiências e atividades propostas?

REGISTRO: observações pessoais sobre o que considera relevante e que deve compor o processo avaliativo. No final do dia ou semana é imprescindível acompanhar se os direitos de aprendizagem estão sendo contemplados, quais foram evidenciados ou tiveram maior visibilidade. Esta é uma possibilidade para guardar na memória e retomar, caso necessário.

** É necessário um cronograma que esquematize os momentos essenciais da rotina e que facilite a consulta da programação semanal.*



⁴ Para o acompanhamento dos planos de aula a equipe técnico-pedagógica terá acesso e utilizará o ambiente disponível na página da Prefeitura de Campo Grande/MS – Intranet. Todas as informações a esse respeito encontram-se em: <https://www.campogrande.ms.gov.br/semmed/planejamento-online-reme/>

Em 2023 a SEMED, em parceria com a AGETEC, organizou em uma plataforma o Plano de Aula *On-line* para viabilizar às instituições educativas uma maneira de realizar o planejamento por meio das “tecnologias digitais”. Isso significa, otimizar o planejamento no sentido de armazenar as produções feitas pelo corpo docente, recuperar informações importantes que possam garantir um *continuum* no trabalho pedagógico e que a equipe técnico-pedagógica possa acompanhar as ações realizadas, como parte do seu trabalho⁴, de forma a contribuir, intervir e garantir os direitos de aprendizagem das crianças.

Essa busca pela possibilidade de otimização do trabalho não prescinde dos pressupostos expostos acima, sobre o que significa o planejamento na ação docente. Assim, para o professor, coordenador e diretor, deve ficar evidente que essa é uma ferramenta que precisa ser apropriada por cada um, porém a apropriação do significado do planejamento como marca da intencionalidade e dos fundamentos do trabalho pedagógico antecede o uso de qualquer instrumento.

Diante disso, o dia da jornada pedagógica destinado a essa discussão deve permitir a compreensão do sistema utilizado para planejar, assim como a apropriação por todos das concepções aqui expostas.

5.4 PLANEJAR AS PRIMEIRAS SEMANAS PARA RECEBER BEM AS CRIANÇAS E FAMILIARES

Os primeiros dias junto às crianças são essenciais para se aproximar delas, de suas famílias, assim como para elas conhecerem ou reverem os professores e a escola. Organizar essa recepção e acolher as crianças em seus processos de adaptação passa pelo planejamento de atividades ricas em interações, brincadeiras e estratégias que contribuam para auxiliá-las na transição de casa para a escola, ou mesmo entre os grupos.

Para os professores este também é um momento importante para conhecer sua turma e cada criança em especial, coletando informações, inclusive, que lhes possibilitem calibrar o que foi planejado em termos gerais para a turma com algumas especificidades que possam surgir deste primeiro contato com o grupo constituído. Tendo em vista essas considerações e o Plano Anual, o professor pode organizar uma ou duas semanas (conforme a escola definir) nas quais as atividades estejam voltadas para o processo de adaptação.

Pensar o dia das crianças na escola envolve não somente o que elas vão fazer, coletiva ou individualmente, mas também planejar o espaço, no sentido de constituir um ambiente de aprendizagens e convidativo para que as crianças sintam-se acolhidas e queiram a ela retornar.



SEMED
Secretaria Municipal
de Educação

